

Memória, revelação em 1 hora

Na tentativa de oferecer ao público do A-Desk material que os aproxime de conhecer um pouco sobre a arte e seu contexto no Recife, optei por - no rápido exercício de escrita deste workshop - falar sobre um artista próximo, da minha geração, e é por isso que este texto é sobre a obra do jovem artista e fotógrafo Jonathas de Andrade.

FELIPE QUÉRETTE

Neste mês de abril será lançado o primeiro de uma série de fascículos que compõe o último installment da obra Amor e Felicidade no Casamento, realizado por Jonathas de Andrade e pela designer Yana Parente. Amor e Felicidade no Casamento foi uma obra exposta por Jonathas na Galeria Baobá da Fundaj Casa Forte, em 2007 no Recife, como parte do programa Trajetórias. Lá, víamos diversas fotografias da vida de um casal jovem, algumas consumidas por mofo em diferentes graus. O título se refere ao livro homônimo escrito em 1960 pelo psiquiatra Fritz Kahn, uma espécie de manual de conduta conjugal que se propõe um guia para a felicidade. O livro, também fisicamente presente na obra, aparece preso a uma mesa. Aberto em uma página qualquer, é possível perceber o tipo de estranho conteúdo que o livro traz: regras e categorizações sobre pessoas e relacionamentos, hoje risíveis e ao mesmo tempo inquietantes, por sabermos que um dia foram levadas a sério. Na sua obra, Jonathas parece elaborar ao redor do impacto que certas noções de moral provocam sobre o relacionamento familiar. Os mesmos modelos das fotografias, interpretando um outro casal em um outro tempo, podem ser vistos discutindo em um vídeo, sem que saibamos o que discutem.

Outro dado importante sobre essa obra é que as fotografias daquelas cenas de um casamento não parecem exatamente atuais mas - através dos figurinos, locações e modos de fotografar - remetem a um outro tempo, possivelmente aquele em que orientações como as de Fritz Kahn eram a regra. Por esse mesmo motivo a obra também se volta para questões como o tempo e a memória. Ao levar o mesmo projeto para o Espaço Furnas Cultural, no Rio de Janeiro, o artista pareceu mostrar menos cenas do casal e mais fotos de objetos e de espaços. Através desses, percebemos uma relação de habitantes com sua própria casa, resistências emocionais à passagem do tempo, o apego a itens que - mesmo por vezes danificados como um piano sem teclas - remetem a um tempo de justamente, talvez, felicidade conjugal. As imagens nos fazem lembrar de lugares onde habitam idosos que, depois de anos adquirindo objetos e associando-os a memórias, acumulam obsessivamente seus pertences, incapazes de deixá-los para trás.

Parte das fotografias foi feita por Jonathas na casa que pertenceu a seu avô, na cidade de Maceió. Talvez seja Jonathas aquele que lida com o desapegar-se de memórias familiares. A casa estava para ser vendida. Parece que, através da arte, esse rapaz elabora sobre aquilo que o comove. De certo modo ele incorpora para mim (talvez pragmático demais até o momento para transformar minhas inquietações em arte) uma noção até bem romântica de artista.

As relações de tempo e deterioração vão além do mofo e do conteúdo das fotos. O suporte da fotografia analógica em si, que vai deixando pouco a pouco de existir devido a alternativas digitais, também é um aspecto que reflete essa relação com o percorrer do tempo e com a vinda de mudanças. Em seus exercícios atuais de fotografia, Jonathas utiliza compulsivamente filmes de slide, sabendo que no Recife - lugar onde apenas um (1) profissional se dedica à revelação deste tipo de filme - esse formato deixará de existir muito em breve. Ele tem essa fascinação por vestígios do antigo, pois presente com certa nostalgia o modo como novas tecnologias modificarão a relação das pessoas com a própria memória. Enxergamos, então, outras formas de entender o impacto dessa mudança quando pensamos na fotografia como construção e fixação de uma história. As fotografias têm sua fundamental parcela na elaboração das narrativas pessoais, criando cronologias e pontuando os momentos significantes de nossas vidas.

A psicologia cognitiva percebe que os seres humanos têm sua relação com o mundo mediada através da linguagem. E é baseados em linguagem que construímos memória, pois é com ela que produzimos significados sobre nossa experiência. Sendo memória, aqui, a associação entre a experiência e os significados a ela atribuídos. A fotografia, por sua vez, enquanto produto midiático, também é um instrumento linguístico de construção ativa dessa memória: ao enquadrarem, fotografarem e selecionarem essas imagens, os indivíduos criam sua própria história. Com a mudança de paradigma em direção à fotografia digital, a construção das narrativas pessoais também está mudando. Um exemplo muito simples e palpável é como membros de um sistema social na web (produtos como orkut e fotolog) constroem ativamente suas auto-imagens através da seleção e alteração das fotografias nos álbuns online, e partem para se relacionar com os outros a partir desse referencial próprio construído. Sinto que Jonathas é um dos artistas que se dedicam a perceber construções desta natureza acontecendo.

Talvez pela formação em uma outra área (ele graduou-se ano passado em publicidade e propaganda), Jonathas

tenha escapado de ter nele inculcadas expectativas sobre o que "arte contemporânea" deve ser. Parece-me que em Amor e Felicidade ele se permitiu uma obra com partes figurativas, uma obra com relações narrativas, uma obra que não se priva de expressar-se em formas conhecidas/instituídas que aqui se fizeram necessárias. Amor e Felicidade no Casamento é, também graças a isso, uma obra rica e com diversos níveis de leitura. O trabalho de Jonathas de Andrade tem, portanto, um certo frescor no olhar, sem alguns dos vícios procedimentais da arte contemporânea, e é genuinamente motivado por impulsos de tornar corpóreo algum tipo de pensamento. Espero ver quais serão nos seus próximos trabalhos.

